

A habilidade de produção oral em material didático de Língua Inglesa de um curso técnico de turismo

Fahrenheit Barbosa Amarante
Ana Maria Ferreira Barcelos

RESUMO:

Autores como Mota Silva (2013), Amarante (2016), e dados provenientes das organizações nacionais e internacionais ligadas ao turismo embasam sua importância como atividade significativa, tanto no setor econômico quanto social e cultural da região. Entretanto, não foram encontrados trabalhos que tenham analisado material didático para os estudantes de turismo. Assim, este trabalho teve por objetivo analisar o material didático utilizado em uma das disciplinas obrigatórias de um curso técnico em um Instituto Federal de uma cidade de Minas Gerais, intitulada: Língua Inglesa Aplicada ao Turismo. O referencial teórico se baseou em estudos relacionados a material didático (BATISTA, 1999, 2009); MARCUSCHI, 2008; REPOLÊS, 2011); gêneros textuais (MARCUSCHI, 2001, 2008; MOTTA-ROTH, 2008; BORGES, 2012) e habilidades linguísticas de aprendizagem do idioma, com foco na produção oral (LEFFA 2007; ALMEIDA-FILHO 2002). Este estudo de caso analisou as unidades do material didático com foco na habilidade oral. Os resultados sugeriram que embora o material didático tenha apresentado gêneros que contemplem a oralidade, a língua escrita ainda se apresenta predominante. As implicações sugerem que cabe ao docente realizar um processo contínuo de avaliação referente ao material didático utilizado, ao objetivo da aprendizagem e ao perfil da turma para que possa auxiliar de modo mais eficaz no processo de ensino e aprendizagem de qualidade.

Palavras-Chave: Material Didático; Língua Inglesa, Produção oral; Turismo.

1. INTRODUÇÃO

O profissional da área do turismo, seja bacharel, de nível técnico ou até mesmo sem formação na área, necessita de uma série de habilidades e competências que auxiliem o seu desenvolvimento interpessoal e o alcance de uma posição de destaque no mercado de trabalho. O profissional do turismo (como o turismólogo, guia de turismo, técnico em turismo, técnico em hospedagem, técnico em eventos) carece, no entanto, de qualificação condizente com o seu campo de atuação, como aponta a pesquisa de Mota e Silva (2013), que de uma forma geral, demanda as competências e habilidades em uma língua estrangeira (LE).

Segundo Coelho Nunes (2015), os cursos de formação profissional objetivam desenvolver não apenas as competências pessoais (emocionais e intelectuais), como também as competências necessárias para se aplicar a um determinado perfil (profissional). Sendo o turismo uma atividade social, econômica, cultural e que envolve a prestação de serviços mediante a interação social, é imprescindível que o profissional tenha conhecimento em LE, como forma de agregar valor ao trabalho e de alcançar uma boa colocação nos postos de atuação. O Brasil, como um destino turístico internacionalmente consolidado, necessita de profissionais que sejam habilitados a se comunicarem com o turista estrangeiro. Nesse caso, o

foco na produção oral deveria ser uma das habilidades mais exigidas pela profissão, já que o setor turístico é baseado na prestação de serviços e a satisfação do cliente está intimamente ligada à qualidade do serviço oferecido.

Quando pensamos no processo de ensino-aprendizagem em alguma área do conhecimento, é imprescindível que se faça uma escolha apropriada de materiais e recursos didáticos que sejam capazes de auxiliar a consolidação desse processo. Conforme afirma Repolês (2011), a seleção do material didático deve ser pautada na observação dos sujeitos, dos objetivos, da situação e do meio em que serão utilizados. A escolha dos materiais com finalidades pedagógicas é fundamental para produzir um conhecimento sólido, atingindo os resultados educacionais ou profissionais almejados. Tal seleção pode ser feita através do uso de livros didáticos, materiais autênticos e/ou outras metodologias que sejam capazes de propor a consolidação do objeto em estudo. Para Amarante (2020, p.8), “O material didático é uma forma de ampliar as oportunidades de conhecimento oferecidas aos alunos, independentemente do nível de formação ou forma de estudo (presencial ou à distância)”. A seleção, portanto, deve ser realizada de forma minuciosa, de acordo com alguns critérios supracitados, bem como a presença de um professor no processo e conhecimento prévio dos alunos.

Em face desses aspectos, surge o questionamento: o material didático voltado aos profissionais de turismo trabalha a habilidade oral? Visando responder a essa pergunta, neste artigo, que é um recorte de Amarante (2020), cujo foco foi analisar o uso de material didático (MD) de Língua Inglesa adotado pelo curso de técnico em guia de turismo (curso técnico de Hospedagem) de um Instituto Federal, analisarei o material didático com ênfase na habilidade de produção oral, tendo em vista que é uma das mais requisitadas na profissão do turismo. A intenção é avaliar se esse MD consegue, de alguma forma, ajudar a desenvolver as habilidades e competências comunicativas para o profissional desempenhar o seu trabalho com excelência. A justificativa para a realização deste trabalho se pautava na necessidade de investigar esses materiais específicos para esse público (estudantes e/ou profissionais da área de turismo), haja vista que embora existam pesquisas como as de Tosqui-Lucks (2006), Sarmiento (2012), Carvalho et al (2013) e Neto (2020), há muito o que se discutir sobre essa temática que possui relevância na atualidade.

Com vistas a alcançar os propósitos apresentados, foram delineados o objetivo geral e seu desdobramento nos objetivos específicos, os quais são explicitados a seguir:

2. OBJETIVOS DA PESQUISA

2.1. Objetivo geral

1) Analisar o material didático Língua Inglesa utilizado na disciplina Língua Inglesa aplicada ao Turismo em relação à habilidade de produção oral.

2.2. Objetivos específicos

1. Identificar os gêneros textuais presentes no material referentes à produção oral.
2. Avaliar se os gêneros textuais orais presentes no material atendem as necessidades linguísticas dos trabalhadores do setor.

Este artigo está organizado da seguinte forma: Além desta introdução, a próxima seção traz uma revisão de literatura centrada nos temas de turismo, ensino e aprendizagem de LE, materiais didáticos e gêneros textuais. Na terceira seção, explico a metodologia utilizada e forneço detalhes sobre o contexto do estudo. Na quarta seção, discuto os resultados e, por último, apresento as considerações finais.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção, abordo alguns assuntos necessários para compreensão do tema de pesquisa. Ela está organizada em três partes. Na primeira, discorro sobre o turismo como atividade propulsora de desenvolvimento, conforme sugerido por autores como Amarante (2016), Mota Silva (2013), por informações extraídas do Ministério do Turismo (MTUR) e Organização Mundial do Turismo (OMT) e pelo perfil do profissional do turismo proposto nas legislações sobre a profissão. Na segunda parte, discuto a respeito do ensino e aprendizagem de línguas e o Quadro Comum de Referência Europeu (QCRE)¹, utilizando teóricos como Almeida-Filho (2002) e Lamberts e Sacramento (2016). Essa seção está subdividida em duas subseções referentes a materiais didáticos (LEFFA, 2007; BATISTA, 1999, 2009; REPOLÊS, 2011; SANTOS JORGE & TENUTA, 2011; AQUINO, 2013); e gêneros textuais à habilidade de produção oral (MOTTA- ROTH, 2008; MARCUSCHI, 2008; TRAVAGLIA, 2013; HILGERT, 2015; ZAMBRANO, 2018).

3.1. O profissional de turismo

¹ O QCRE fornece uma base comum para a elaboração de programas de idiomas, diretrizes curriculares, exames, livros didáticos, etc. para toda a Europa, descrevendo, de forma abrangente, o que os alunos de línguas necessitam para usarem uma linguagem que lhes permita comunicar, bem como os conhecimentos e capacidades que têm que devem desenvolver para poderem atuar comunicacionalmente com eficácia. Esta definição abrange também o contexto cultural no qual determinada língua se encontra estabelecida, sendo que o quadro define níveis de proficiência – no caso das línguas, 6 (A1, A2, B1, B2, C1, C2) – que permitem mensurar o progresso dos alunos ao longo, não só da sua aprendizagem dita formal, como também ao longo da sua vida.

MOREIRA, A. Línguas, mediações e aprendizagens à luz do Quadro Europeu Comum de Competência Digital. TRANSFORMAÇÕES- PERENIDADES- INOVAÇÕES. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/citations?user=4WyQc8UAAAAJ&hl=pt-BR&oi=sra>>

O conceito de turismo adotado pela OMT e pela Organização das Nações Unidas (ONU) é: “atividades desenvolvidas pelas pessoas ao longo de viagens e estadas em locais situados fora do seu enquadramento habitual, por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins recreativos, de negócios, ou outros”. Barbosa (2011) corrobora essa definição, ao salientar que devido a sua importância econômica, já que é capaz de gerar divisas expressivamente, o turismo deveria ser incorporado às políticas públicas dentro dos planos econômicos nas esferas nacionais, estaduais e municipais.

Segundo Amarante (2016), “O interesse despertado em vários países para a atividade turística como uma alternativa para aumentar receitas e melhorar os níveis de emprego e bem-estar de seus cidadãos tem crescido” (p.32). Existe uma seção dentro da Comissão da ONU sobre o Desenvolvimento Sustentável, em que os governos foram estimulados a “aproveitar ao máximo as possibilidades do turismo, visando a erradicação da pobreza, elaborando estratégias apropriadas em colaboração com todos os grupos interessados e as comunidades locais” (ONU, 2016).

Dados provenientes de instituições como a ONU, OMT, *World Travel & Tourism Council* (WTTC) apontavam o crescimento exponencial da atividade turística no mundo, destacando que o setor crescia acima da média quando comparado à economia global, principalmente nos países em desenvolvimento. Pontuo aqui que tais dados são referentes ao período pré-pandemia da COVID-19. O turismo foi um dos setores que mais sofreu com a pandemia, mas segundo as projeções da OMT (2021, p.1) “os cenários para 2021-2024 da OMT indicam uma recuperação para o segundo semestre do próximo ano. Mas para reerguer com taxas no nível de 2019, o mundo deverá precisar de dois anos e meio a quatro anos.” A retomada das atividades do setor deverá ser bem mais planejada em relação aos recursos físicos e pessoais para voltar a crescer.

O Brasil estava abaixo do crescimento da média mundial até a década de 1990 no que tange ao turismo mesmo sendo um destino com relevância internacional. Mas, a partir dos anos 2000, o país teve um aumento de realização de eventos internacionais como os Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro em 2007, Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016. Para atender ao público desses megaeventos, foram criadas estratégias de capacitação da mão de obra para integrar a força de trabalho no setor de serviços, como nas seguintes áreas: alimentos e bebidas, trabalhadores de recreação e lazer, produtores de eventos, agências de viagem (sendo elas de caráter receptivo/emissão), hotelaria, gestão e outros campos que se relacionam direta e indiretamente com o turismo. A capacitação da mão de obra inclui o

ensino- aprendizagem da LE, principalmente o inglês, dado o seu *status* de língua franca.

Os profissionais que atuam no ramo turístico não necessariamente precisam ter formação específica na área. Esse é um dos fatores que impossibilitam, de certa forma, a valorização daqueles profissionais que se capacitam. Porém, existe o segmento do Guia de Turismo, que é a única categoria reconhecida e regulamentada por lei², e que necessita da conclusão do curso técnico em guia de turismo, podendo o guia ser regional, nacional e/ou internacional. Já o bacharel em Turismo, o turismólogo³, possui reconhecimento profissional por lei⁴, mas não é regulamentado. Algumas das justificativas dadas a não regulamentação da categoria é a tamanha abrangência de atuação do setor. Mas também sabemos que o ato de regulamentar qualquer profissão envolve interesses políticos, econômicos, piso salarial, sindicalização e outros elementos que dificultam consolidar este processo.

Embora todas essas atividades laborais previamente mencionadas relativas ao turismo/desempenhadas pelo profissional do turismo tenham níveis e denominações diferentes, existem aspectos imprescindíveis ao trabalhador para que ele possa desempenhar as funções de maneira satisfatória: a capacidade de estabelecer uma comunicação efetiva em língua materna e, sobretudo, em LE. De acordo com Mota Silva (2013, p.16), “A qualificação dos profissionais de turismo e de hotelaria também se faz necessária para a sua empregabilidade além da manutenção da competitividade entre as empresas do *trade* turístico.”

3.2. Ensino e aprendizagem de LE

Vários são os argumentos utilizados em defesa do ensino e da aprendizagem de uma língua estrangeira na escola. Segundo Lamberts e Sarmiento (2016), “A língua adicional é vista como uma forma de desenvolver a criticidade e a cidadania, primeiramente na cultura do aluno, para, então, relacioná-la com a cultura do outro.” (p.294). Corroborando tal ideia, Teles (2014) pontua que a aprendizagem de um novo idioma propicia benefícios relacionados ao ponto de vista acadêmico, social, cognitivo e profissional, que resultam em maiores possibilidades de interação social. Conhecer uma outra língua ultrapassa as barreiras gramaticais, vocabulares e proporciona uma nova realidade cultural. De acordo com Leffa (2007, p. 28), “as atividades propostas para o ensino de línguas têm sido tradicionalmente

² Lei Nº 8.623, de 28 de janeiro de 1993.

³ Art. 2º Consideram-se atividades do Turismólogo: atividades ligadas ao planejamento e gestão de áreas de interesse turístico, consultorias técnicas, organização de eventos, atuação nos setores de alimentos e bebidas, hotelaria e lecionar em estabelecimentos de ensino técnico ou superior;

⁴ Lei nº 12.591, de 18 de janeiro de 2012.

classificadas em quatro grandes áreas: (1) fala, (2) escuta, (3) leitura e (4) escrita.”. Existem alguns mecanismos de mensuração para aferir a aprendizagem de línguas, sendo um deles o *Common European Framework of Reference (CEFR)*⁵.

De acordo com o CEFR, existe uma classificação referente às habilidades linguísticas em seis níveis⁶ para que os alunos possam atingir a proficiência da língua. Segundo Trim (2011, p.4), “O CEFR, que é um quadro, foi publicado pelo Conselho da Europa em 2001, que descreve a capacidade dos alunos de línguas em termos de fala, leitura, audição e escrita em seis níveis de referência.⁷”. Embora o autor proponha uma tabela com o número de horas aproximadas de estudo para que o aluno atinja a tal proficiência, esses medidores são relativos quando observamos variáveis tais como a idade, o contato com o idioma, as horas de estudo, entre outros aspectos.

É importante salientar que o CEFR não é um padrão internacional ou selo de aprovação, além de não ser específico para determinado idioma e/ou contexto. Em outras palavras, os usuários devem se adaptar ao contexto e às regras daquela língua estudada. Trim (2011) sugere adaptar o CEFR sob as descrições de nível de referência específicas para cada idioma. Segundo o autor, “essas são estruturas para idiomas específicos em que os níveis e descritores do CEFR foram mapeados em relação ao material linguístico real (ou seja, gramática, palavras) necessário para implementar as competências declaradas”. (2011, p.4). O desenvolvimento da habilidade de produção oral pode ser influenciado por vários fatores, tais como “a natureza do texto e a identidade dos falantes, assim como a tarefa a ser desenvolvida e os interesses e atitudes do ouvinte em relação ao tópico e ao grupo (percebido) a que pertence o falante (ALMEIDA-FILHO, 2002, p.25)”.

Mas o que se entende por oralidade, em termos de ensino-aprendizagem de línguas? Para Hilgert (2015, p.60) tal conceito “evoca imediatamente a comunicação na fala, particularmente a interação face a face, a conversa, que é a interação falada prototípica.” Tal processo, para o autor, caracteriza-se como espontâneo, a partir do momento em que duas ou mais pessoas se encontram e estabelecem algum tipo de comunicação. É no decorrer dessa enunciação que as práticas sociais se concretizam em um contexto que ambos compartilham naquele momento. A oralidade pode ser vista como “realidade multiforme, englobando não apenas aspectos fônicos, fonológicos, de entonação, mas também explorando lugares mais

⁵ Em língua Portuguesa, *Common European Framework of Reference (CEFR)* é referenciado como Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas QECR.

⁶ [1] Tais níveis são: A1, A2, B1, B2, C1, C2. Disponível em: <https://www.cambridgeenglish.org/exams-and-tests/cefr/>.

⁷ Todas as traduções originalmente em inglês foram traduzidas para o português por mim

amplos do oral, como a própria materialidade do texto oral, seu enunciador, seu lugar de enunciação”. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004 *apud* ZAMBRANO, 2018, p.18). Já para Marcuschi (2001;2008), através da oralidade ocorre a enunciação de vários gêneros textuais, em circunstâncias reais e que abrangem as comunicações formais e informais.

3.2.1 Material didático

Como mencionado anteriormente, o objetivo deste trabalho é entender o que caracteriza o material didático de inglês em um curso de técnico em guia de turismo, como os gêneros textuais são utilizados para desenvolver a oralidade dos alunos e de qual maneira tais atividades contribuem para a aquisição de língua inglesa para o futuro profissional da área do turismo. Autores que discorrem acerca dessa temática, como Batista (1999, 2009) e Santos Jorge & Tenuta (2011), esclarecem que esse assunto requer cautela quando pensamos na confecção e utilização de materiais voltados para o campo educacional. Isso porque, dada a nossa extensão territorial, temos uma heterogeneidade de público muito grande a ser atendida por um único modelo de material didático.

No que tange às aulas de inglês, Lamberts e Sarmiento (2016, p.292-293) asseveram a importância do uso consciente e crítico do livro didático, “pois ele tem papel importante no desenvolvimento das habilidades necessárias para aprender uma nova língua”. Os autores também mencionam o papel do docente em optar por mais materiais que possam dar suporte para o aprendizado, assim como por métodos apropriados para desenvolverem tal processo.

A tarefa de definir qual o material didático a ser empregado deve ser pensada para atender aos objetivos de aprendizagem, considerando aspectos como o perfil de alunos que deverão ser contemplados, além de demais características do contexto educacional. Contudo, o potencial da adequação é sempre parcial, uma vez que a quantidade de fatores envolvidos impossibilita que um material se “encaixe como uma luva no contexto específico de ensino” (VILAÇA, 2010, p.68 *apud* LAMBERTS; SARMENTO, 2016, p.297).

Há ao menos três tipos de materiais didáticos que poderão ser selecionados pelo professor para alcançar seus objetivos com seus alunos nas aulas. O primeiro diz respeito a materiais didáticos já confeccionados, com alta tiragem e distribuição, e público-alvo definido, que muitas vezes não condizem com as expectativas dos planos e ementas de cursos. O segundo tipo refere-se a materiais autênticos, que são aqueles que não possuem a produção primária vinculada aos objetivos pedagógicos, mas que são extraídos das situações reais e utilizados em ambientes pedagógicos. E por fim, o terceiro tipo refere-se a materiais produzidos pelo próprio professor. De acordo com Leffa:

A produção de materiais de ensino é uma sequência de atividades que tem por objetivo criar um instrumento de aprendizagem. Essa sequência de atividades pode ser descrita de várias maneiras, envolvendo um número maior ou menor de etapas. Minimamente, deve envolver pelo menos quatro momentos: (1) análise, (2) desenvolvimento, (3) implementação e (4) avaliação. Idealmente essas quatro etapas devem formar um ciclo recursivo, onde a avaliação leve a uma nova análise, reiniciando um novo ciclo. (2007, p.15-16)

Leffa discorre a respeito de uma sequência na produção de materiais que, deve ser pensada de maneira cautelosa e conforme os objetivos didáticos previstos. A análise, desenvolvimento, implementação e avaliação do material didático devem ser feitas de forma recursiva.

Mais recentemente, um novo aspecto importante que passou a ser também incorporado nos livros didáticos a fim de aprimorar o ensino de línguas foi a teoria dos gêneros, que encoraja a apresentação de textos autênticos e variados, assim como o uso dos diferentes recursos linguísticos. Como veremos a seguir/na próxima seção, os gêneros estão atrelados a uma função social.

Os diferentes aspectos apresentados até aqui indicam, portanto, que a organização de materiais para uso pedagógico não é fácil de se estruturar, pois existem inúmeras questões que devem ser levadas em consideração, principalmente no ensino de línguas, tais como: “o tipo de relação entre conteúdo e aprendiz proposto no material e seus objetivos e os tipos de mídia em que se configura esse material” (AQUINO et al, 2013, p.39-40). Sendo assim, não há como criar um material didático que consiga atender uma quantidade expressiva de grupos, pois existem peculiaridades como propósito do curso, metodologia a ser utilizada, nível de conhecimento linguístico dos discentes, além da plataforma de ensino a ser utilizada. É preciso encontrar um equilíbrio entre os recursos, a metodologia e a forma de regência das aulas para que os objetivos educacionais sejam atingidos.

3.2.2. Gêneros Textuais

Segundo Motta-Roth (2008), há um crescente interesse pela análise de diferentes gêneros discursivos da vida social a partir de atividades e papéis sociais recorrentes do dia a dia em uma diversidade de contextos culturais” (p.342). Assim, os gêneros textuais se fazem pertinentes, não somente no cenário escolar, mas também na vida em sociedade, em uma abordagem ampla que abarca o meio comunicativo que é estabelecido entre as pessoas pertencentes àquele grupo. De acordo com a autora, o interesse por gêneros existe desde a Antiguidade liderada por Aristóteles e, com o passar dos anos, ganhou diversas perspectivas e linhas diferentes. Para Motta-Roth, os gêneros textuais “se referem a tipos relativamente estáveis de enunciados usados para fins específicos em um dado grupo social. São processos

sociais que levam a convenções e expectativas reconhecíveis e compartilhadas” (p. 351).

Para Marcuschi (2008), “É impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero textual” (p.154). Dessa forma, é uma crença falsa que texto se resume somente à forma escrita. Todo tipo de linguagem, seja oral ou escrita, acontece utilizando os gêneros textuais. De acordo com Borges (2012), os gêneros textuais começaram a ganhar espaço no Brasil a partir da implementação nacional dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1998, como demonstrado abaixo:

Propõe-se que, nas aulas de Língua Estrangeira Moderna, o professor aborde os vários gêneros textuais, em atividades diversificadas, analisando a função do gênero estudado, sua composição, a distribuição de informações, o grau de informação presente ali, a intertextualidade, os recursos coesivos, a coerência e, somente depois de tudo isso, a gramática em si. (BRASIL, 1998 p.63)

Conforme observa-se no excerto acima, os PCNs direcionam o docente para trabalhar o texto de modo mais reflexivo pautado nos gêneros textuais. Assim, devemos continuar atentos sobre o modo que os gêneros são dispostos nos materiais e suportes didáticos, para que possam ser utilizados da maneira mais eficiente para o processo de ensino-aprendizagem. O ensino de LE pautado no uso de gêneros textuais é importante para que o aprendiz possa aprender a identificar o gênero e, assim, compreender quais seriam as situações comunicativas em que deverá utilizá-lo. De acordo com Winch (2016, p.5), citando Marcuschi⁸, “[...] o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária maneira de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia. Pois nada que fizemos linguisticamente estará fora de seu feito em algum gênero textual”. O mundo é representado e interpretado mediante as diversas formas em que os gêneros textuais se organizam, com finalidades comunicativas que auxiliam na utilização da linguagem em sociedade.

Conforme discutido anteriormente, os gêneros textuais podem se utilizar linguagem verbal e não verbal, escrita ou oral. Para Travaglia et al (2013), “O gênero oral é aquele que tem como suporte a voz humana (vista como a característica particular que tem o som produzido pelo aparelho fonador) e que foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz humana, independentemente de ter ou não uma versão escrita” (p.4). Através dessa conceituação, podemos ter diversos gêneros orais, tais como: entrevista, conselho, missa, atendimento, aviso, entre outros. Essas situações estão presentes no cotidiano

⁸ MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.) **Gêneros Textuais e Ensino**. 4.ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2005. 233p.

de expressiva parte da população, o que facilita o reconhecimento de como esses gêneros textuais são utilizados e o que geralmente é proferido no momento da fala.

O uso dos gêneros textuais com finalidade pedagógica destinada ao ensino de um idioma “pode aumentar a consciência linguística do aprendiz, permitindo seu engajamento e atuação social nas comunidades nas quais ele se insere, já que se constitui de material autêntico, presente na vida social e, por isso, habilitado a extrapolar a soleira da porta da sala de aula” (OLIVEIRA, 2012, p.310). Dessa forma, o uso dos gêneros ligados à oralidade deve contemplar o maior número de possibilidades, uma vez que as funções comunicativas humanas podem ser consideradas infinitas. O uso das atividades propostas em MD deve estar em consonância com as necessidades específicas de cada grupo, para tanto, o docente deverá explorar a liberdade que possui de trazer outros materiais e selecioná-los e utilizá-los conforme o perfil de cada turma.

4. METODOLOGIA

O material didático analisado foi desenvolvido em um Instituto Federal de Educação brasileiro e foi adotado por essa instituição em um *campus* em específico. Trata-se de uma apostila que foi produzida pela Rede e-Tec Brasil para dar assistência pedagógica aos cursos do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC, “oferecido pelo governo federal a partir do ano de 2012 com a abrangência para todo o território nacional” (BRASIL, 2011). Embora o curso Técnico em Guia de Turismo não esteja ligado às modalidades de cursos oferecidos pelo PRONATEC e a justificativa da escolha desse material não tenha sido esclarecida, assumimos hipoteticamente que há aproximação da ementa⁹ da disciplina do curso com o conteúdo exposto na apostila. Esse material foi obtido por meio de uma hospedagem *online*, alocada na plataforma *Moodle* do curso Técnico em Guia de Turismo, na modalidade EaD. O cadastro na plataforma foi feito pela coordenadora do curso que, gentilmente, permitiu-me acessá-lo durante todo o mês de julho de 2019.

O material didático examinado neste estudo é disponibilizado virtualmente na área do aluno, dentro do *site* da instituição educacional, disposto na plataforma *Moodle*. Ele está organizado em cinco módulos, iniciando pelo módulo intitulado Aula 2 e indo até a Aula 6, totalizando cinco temas diferentes. Focalizarei, neste trabalho, a análise deste MD tendo como

⁹ Inglês I Período: 4º Carga Horária: 30 horas Natureza: Obrigatória Ementa: Desenvolvimento da proficiência do aluno de turismo em língua inglesa, no que se refere às quatro habilidades em nível iniciante, sendo elas: produção oral e escrita, compreensão leitora e auditiva; Revisão de vocabulário básico e expansão de vocabulário específico para as áreas de estudo do Turismo; Estratégias de leitura; Leitura em nível básico: folhetos, propagandas, material informativo; Linguagem para funções comunicativas básicas; Compreensão oral e compreensão de textos (BRASIL, 2017, p.54).

alvo o uso da oralidade, entendida por Marcuschi (2001; 2008) como uma prática social e o uso da língua em situações conversacionais através da fala, presente em gêneros textuais dispostos nestas cinco unidades (aulas) que contemplam a apostila integralmente.

Para a investigação desse material, utilizamos os seguintes passos: Primeiramente, houve um levantamento e definição dos gêneros orais nele contido. Em seguida, cada unidade didática do material foi analisada e descrita, buscando identificar os gêneros textuais orais presentes e verificar se eles conseguem atender as necessidades linguísticas dos profissionais do turismo.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados permitiu constatar que o material é organizado majoritariamente com enfoque na língua escrita, com ênfase no desenvolvimento de leitura e exercícios de gramática. Embora essas habilidades tenham um importante papel no processo comunicativo, em um contexto turístico, seria difícil um egresso sair preparado suficientemente para expressar-se oralmente, pois faltam maior aperfeiçoamento e suporte das habilidades de compreensão e produção oral. Nas subseções seguintes, trago uma análise detalhada do material didático de cada aula.

5.1 Aula 2

Referente à aula 2, a primeira parte da apostila, com o título de *Introductions*, tem como objetivos: Identificar formas de apresentação pessoal, reconhecer pronomes e verbos utilizados na apresentação pessoal, identificar nacionalidades; conjugar verbos no tempo presente (*simple present*). Essa primeira parte tem vinte e quatro páginas que são divididas em três subtópicos: 1.1 *Greetings* (cumprimentos), 1.1.2 *Introductions* (apresentações), 1.1.3 *Saying goodbye* (despedidas), 1.1.4 *Pronouns* (pronomes), 1.1.5 *Verbs* (verbos), 1.2 *Who are you?* (Quem é você?), 1.2.1 *Nationalities* (nacionalidades), 1.2.2 *Professions* (profissões), 1.2.3 *Simple present* (presente), 1.3 *Information* (informação), 1.3.1 *I don't understand...* (eu não entendo), 1.3.2 *Objects* (objetos), Avaliação.

No material para a aula 2, disponibilizados quadros para demonstrar os aspectos gramaticais da língua inglesa, além de dicas de estudo. Contudo, ao examinar essa unidade, percebemos a carência de propostas que explorem mais alternativas de desenvolvimento da fala. Os textos que aparecem em maior incidência são os diálogos (sendo ao todo cinco), tal como o que se encontra abaixo.

1. Como seria esse diálogo em inglês? Escreva:

A: Olá, Senhorita. Meu nome é João da Silva.
B: Oi, Senhor Silva. Meu nome é Jennifer Williams.
A: Prazer em conhecê-la, Senhora/Senhorita Williams.
B: Prazer em conhecê-lo também.

A: _____
B: _____
A: _____
B: _____

Na prática, poderia ser assim. Leia o diálogo para se familiarizar com as expressões.

Lucy: *Hi. My name is Lucy Brown.*
Rita: *Hi, Lucy. I'm Rita Taylor.*
Lucy: *Nice to meet you.*
Rita: *Nice to meet you, too. I would like to introduce you to my professor Daniel Carter.*
Daniel: *Pleased to meet you, Ms. Brown.*
Lucy: *Pleased to meet you, too, Mr. Carter.*

Figuras 1 e 2- Diálogos retirados da apostila de Língua Inglesa.

O diálogo para demonstrar as formas de cumprimento “*Greetings*” permite que o estudante veja um modelo pré-estabelecido de conversa e que, por meio da leitura, possa ser introduzido a expressões úteis no momento da enunciação. Esse comando poderia ser mais efetivo e motivador se a atividade tivesse instrução mais direcionada à prática e se a atividade fosse realizada em duplas, por exemplo, porque poderia haver a troca de papéis entre os interlocutores e o treino das diferentes expressões. Bygate (1998) menciona que é a presença de interação entre os interlocutores e que deve ser motivada pelo material.

O segundo diálogo está presente na seção *Avaliação* e pede ao aluno para que faça a tradução de enunciados em português para o inglês, colocando-os em uma ordem conversacional. Um fator a ser mencionado aqui é que a interação no mundo real não necessariamente obedece a uma ordem discursiva cristalizada, embora existam gêneros textuais que apresentem características em comum em relação à sua estrutura. Do ponto de vista comunicativo, tal atividade não auxilia de modo significativo na evolução da oralidade do aluno, uma vez que não estimula o discente a realizar a prática desses diálogos construídos.

Leia o diálogo observando as saudações e as apresentações.

Francesca: *Hi, I'm Francesca. What's your name?*
Joe: *Hello, I'm Joe. Nice to meet you, Francesca.*
Francesca: *Nice to meet you too, Joe.*
Joe: *Are you from Italy?*
Francesca: *Yes, I am. And you?*
Joe: *I'm Canadian.*

A: *What's your name?*
B: *My name is Andrea Bonnicci.*
A: *How do you spell "Bonnicci"?*
B: *B-O-N-N-I-C-C-I.*

Figuras 3 e 4- Diálogos retirados da apostila de Língua Inglesa.

No diálogo 3, já há o direcionamento para que o aluno leia o texto e o pratique com o colega. Bakhtin (1997, p. 301-302) citado por Zambrano (2018, p.13), salienta que “aprender a falar é aprender a estruturar enunciados [...] Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais.” Ao trocar os papéis de comunicadores durante a realização da atividade, os alunos conseguem estruturar os

enunciados utilizando combinações diferenciadas.

No diálogo 4 é ensinado como soletrar os nomes. Essa tarefa é comum em situações da vida real, de modo que podemos considerá-la crucial para o profissional de turismo. Um recepcionista de hotel, por exemplo, necessita preencher formulários e, para isso, é necessário saber perguntar e entender exatamente como é escrito o nome do hóspede. Esse diálogo possui duas notas explicativas, sendo que uma delas disponibiliza um *site* para se ouvir o alfabeto em inglês e a outra sugere um vídeo que também aborda a pronúncia do alfabeto.

5.2 Aula 3

A segunda parte da apostila que corresponde à aula 3 está distribuída entre as páginas 25 a 33 e possui o título *Traveling*. Para cada aula, é apresentada uma série de objetivos de ensino-aprendizagem, sendo eles: conhecer os numerais ordinais e cardinais; identificar expressões de tempo como horas, dias da semana e meses do ano; conhecer a forma verbal gerúndio (*Present Continuous*); identificar vocábulos e expressões utilizados para se comunicar em viagens internacionais. 2.1 *Travel by plane* (Viajando de avião), 2.2 *Means of transportation* (Meios de transporte), 2.3 *Numbers* (Números), 2.4 *Hours* (Horas), 2.5 *Prices* (Preços e valores), 2.6 *Weather* (Clima/ tempo), 2.7 *Adjectives* (Adjetivos) e Avaliação.

A unidade da aula 3, no que tange ao quesito oralidade, apresenta quatro diálogos. Há também uma sugestão de atividade extra no tópico *Mídias Integradas*, que recomenda ao aluno assistir “uma conversa” sobre *Travel* no vídeo *Learn English 72*, no *Youtube*, e propõe um exercício de ligar as perguntas às suas respectivas respostas em uma suposta interação. Há ainda um *link* proposto no material que direciona o aluno para um *site* que ensina como dizer as horas em inglês. Além disso, tabelas são utilizadas para organizar o vocabulário estudado nessas seções.

Observe o diálogo a seguir e pratique com um colega:
Buying an Air Ticket (Comprando uma passagem aérea).

- A: *When is the next flight to Canada?*
B: *It's on Sunday and the departure is at 6:45 p.m.*
A: *How long does it take from New York to Toronto?*
B: *It usually takes 1 hour and 55 minutes.*
A: *What time does it arrive?*
B: *At 8:40 p.m.*
A: *One more question. How often do you offer this flight?*
B: *We always offer it on Mondays, Tuesdays and Sundays.*

Exemplo de conversa na alfândega:

- A: *How many suitcases do you have?*
B: *Just these two.*
A: *Could you please open them?*
B: *Sure.*
A: *Any other baggage?*
B: *Only this hand baggage.*

Observe o diálogo a seguir:

- A: *How can I get to the train station?*
B: *You can go by bus, or you can take a cab.*
A: *How long does it take?*
B: *It takes an hour by taxi and 2 hours by bus.*
A: *Thank you.*
B: *You're Welcome.*



Mídias integradas

Assista a uma conversa sobre *travel* no vídeo *Learn English 72* no endereço eletrônico: <http://www.youtube.com/watch?v=XKuZ4gxxwDk&feature=related>

Para mais dicas sobre como dizer as horas em inglês, vá ao site: <http://www.mundovestibular.com.br/articles/3172/1/COMO-SE-DIZEM-AS-HORAS-EM-INGLES/Paacutegina1.html>



Figuras 5, 6, 7, 8 e 9. Diálogos, *link* e mídias integradas retirados da apostila de Língua Inglesa.

Os diálogos apresentados nessa unidade contemplam algumas situações com as quais trabalhador do setor turístico, bem como qualquer outro indivíduo pode se deparar. Esse diálogo ilustrativo proposto no material didático é acompanhado de uma orientação ao estudante para que possa ler e praticar a fala com um colega, simulando uma compra de bilhete aéreo. O foco linguístico é ensinar as horas em inglês, assim como as estruturas verbais e o vocabulário. O ato de comprar a passagem, geralmente, é feito de maneira verbal, o que requer o conhecimento mínimo da língua para que a mensagem possa ser gerada e chegue claramente ao interlocutor.

O material propõe ainda outro diálogo, que acontece na alfândega, local em que a maior parte das enunciações feitas ocorre de maneira oral. Tal situação é utilizada como um exemplo a fim de que os discentes conheçam a linguagem comumente requerida nessa situação. Há, também, um terceiro diálogo, que traz à tona o uso de expressões para se informar a respeito de direções. Embora dois dos textos não sugiram o treino das estruturas linguísticas referenciadas, eles conseguem elucidar de uma maneira simples, como esse tipo de interação poderia acontecer. Contudo, para que o aluno possa atingir essa capacidade comunicativa, ele precisa ter exposição ao idioma, estudo contínuo e acompanhamento para possibilitar a visualização de algum avanço linguístico.

Os materiais de apoio como vídeos e/ ou *links* são disponibilizados como forma de estimular a curiosidade dos estudantes, para que possam conhecer as pronúncias, os elementos culturais e para que alcancem uma maior abrangência vernacular. O vídeo sobre o tópico *Travel* traz uma conversa que os estudantes podem ouvir, ver, praticar e se tornarem mais autônomos no processo de aprendizagem da nova língua.

O contato do aluno com os diálogos é um passo importante, mas para atingir

competências e desempenho linguístico, pois o falante precisa mais do que mera repetição; ele precisa conhecer o sistema linguístico que está aprendendo de uma maneira geral. Embora haja uma predominância da língua escrita no contexto escolar, presume-se que o indivíduo demonstre o seu conhecimento através da oralidade. Em muitos casos, como atesta Bergsleithner (2009, p. 2) citado por Deitos (2015, p.37), “Sobre essa competência, em uma língua estrangeira, é a oralidade que parece revelar o nível de desempenho e proficiência de um aprendiz”. Ou seja, será através da expressão verbal oral que o aprendiz de LE mostrará o seu conhecimento da língua, o que não pode ser entendido como verdade absoluta, pois algumas pessoas apresentam melhor desempenho nas três outras habilidades em detrimento da oral.

5.3 Aula 4

O tema *At the Hotel* da aula 4 está dividido em onze páginas. Nessa terceira seção, encontramos como objetivos da aula: Identificar expressões utilizadas para se comunicar em um hotel internacional; conhecer as preposições de lugar; identificar os tipos de serviços mais comuns num hotel; revisar os numerais ordinais e conhecer os quantificadores. 3.1 Checking a Reservation (Verificação da reserva), 3.1.1 Números ordinais, 3.2 *Hotel Facilities* (Instalações do hotel), 3.2.1 *Prepositions of place -in/on/at* (preposições de lugar), 3.2.2 Expressões utilizadas com direções (*Straight ahead*;, *It's to your right*, *Upstairs / downstairs*) 3.2.3 Perguntando sobre lugares (*Where is the....,I'm looking for the....,Where can I find the..*) 3.3 *Hotel service* (serviço de hotel), 3.3.1 Quantificadores (*some, any, a little, a few*), 3.3.2 Perguntando e informando sobre preços (*How much is it?*) . Avaliação.

Dentro do planejamento da aula 4, podemos encontrar dois diálogos que encenam a realidade de um hotel e as interações com os clientes, além de tabelas com a apresentação do vocabulário a respeito de serviço de hotel, os números ordinais, bem como preposições de lugar. Além disso, é possível visualizar notas explicativas a respeito de saudações e observações sobre os números ordinais. A seção *Mídias Interativas* está mais presente e sugere ao discente consultar os vídeos sobre números ordinais e cardinais, sobre falante não nativo utilizando a língua inglesa, assistir ao filme *Esqueceram de Mim 2* (para que o aluno possa conhecer o funcionamento de um hotel) e participar de um jogo sobre as preposições de lugar. A avaliação conta com o uso de um mapa para que o aprendiz possa localizar as partes do hotel e completar as informações de acordo com esse recurso.

Observe o diálogo abaixo. A que situação ele remete? Em seguida, leia o diálogo.

Receptionist: *Good morning, Sir. May I help you?*
Guest: *Good morning. I would like to check a reservation for Mr. Hong, John Hong, please.*
Receptionist: *May I have your ID, please?*
Guest: *Here it is.*
Receptionist: *Thank you. Wait a moment, please. Oh, here it is! Mr. John Hong, single room, 3rd floor, room 303.*
Guest: *That's right!*
Receptionist: *Here is your ID and your key. Anything else, Sir?*
Guest: *No, thanks.*
Receptionist: *You are welcome, Sir. Have a nice stay in our hotel.*

Leia o diálogo que segue:

Receptionist: *Reception desk, good evening. How can I help you?*
Guest: *Good evening. This is from room 406. Is there any laundry service here?*
Receptionist: *Yes. I have, Sir. It is opened from 9 o'clock a.m. to 9 o'clock p.m.*
Guest: *Good. I have some clothes to be washed. How much is the service?*
Receptionist: *It's R\$ 49,00 per bundle, Sir.*
Guest: *It is a little expensive, isn't it? That's OK. Could you ask somebody to pick them up for me?*
Receptionist: *I'm sending someone right away. She'll be there in a few minutes, Sir.*
Guest: *Thank you very much.*
Receptionist: *You are welcome.*



Mídias integradas

Lembre-se que nem todo mundo que fala inglês é um falante nativo. Veja como isso poder ser um problema neste divertido vídeo:

<http://www.youtube.com/watch?v=kQkhqu7GanM>



Mídias integradas

Assista aos vídeos do *Real English Lesson 08a e 08b* sobre números cardinais e ordinais nos endereços eletrônicos

<http://www.real-english.com/reo/8/unit8.html>

Depois, tente responder os exercícios propostos, clicando no botão *exercise 1* na parte superior da página.

Figuras 10, 11, 12 3 13- Diálogos e mídias integradas retirados da apostila de Língua Inglesa.

Logo na apresentação do tópico, há um diálogo que é mostrado ao aluno. O enunciado sugere ao aprendiz que observe o gênero textual diálogo. Após essa orientação, questiona-se sobre qual situação à qual situação esse texto está se referindo e, posteriormente, o diálogo deve ser lido. A situação demonstrada é o processo de *checking a reservation*. Essa é uma circunstância comunicativa comum no setor de turismo e de fácil entendimento para o aprendiz no contexto situacional.

No primeiro tópico, *Mídias Integradas*, solicita-se aos alunos que acessem o *link* do vídeo sobre os números ordinais e cardinais no intuito de treinarem a pronúncia. É importante aprender a pronúncia deste conteúdo, pois como mostrado nesta unidade, os números são cruciais quando informações são prestadas a turistas em diversas possibilidades.

O segundo diálogo aborda a interação entre um recepcionista e um hóspede no momento de solicitar um serviço oferecido pelo setor de hospedagem. Dentro do diálogo há uma estrutura prévia construída com o uso de perguntas e respostas conforme o desenvolvimento da conversa.

O tópico *Mídias Integradas* traz uma observação importante sobre as variações linguísticas dentro da língua inglesa, mencionando as diferenças entre falantes de inglês como segunda língua e as respectivas diferenças. O acesso ao vídeo propicia ao aluno a reflexão sobre o desempenho da oralidade de um falante não nativo em contraste de um nativo. Desta maneira, o vídeo demonstra que é possível se comunicar em inglês em uma variedade de contextos. O que importa é entender e ser entendido dentro das relações sociais em uma L2.

5.4 Aula 5

At the restaurant é o assunto tratado na aula 5 deste MD e que possui oito páginas, disponibilizando os conteúdos presentes no cotidiano dos estabelecimentos ligados ao setor de alimentos e bebidas. Os objetivos da aula se dividem em: Compreender as expressões comumente usadas em restaurantes; conhecer o vocabulário referente a alimentos e utensílios de cozinha; compreender o uso dos verbos modais “*may*”, “*would*” e “*could*”, conhecer a diferença entre substantivos contáveis e não contáveis, 4.1 *Come This Way* (Venha por aqui), 4.1.1 Alimentos, 4.2 *Ready to Order* (Pronto para pedir), 4.2.1 Solicitações e sugestões, 4.3 *It is On Me!* (Deixe comigo), 4.3.1 Pagando a conta.

4.1 Come This Way (Venha por aqui)

Richard: This is the restaurant I told you about Amy.
Amy: Hum. It looks good. So, once we are here...
Richard: Let's go in!
Maitre: Good evening, Sirs. Welcome to Le Caron. How can I help you?
Richard: Good evening. I would like a table for two at the non-smoking area, please.
Maitre: Of course, Sir. Please, come this way.

4.3 It is On Me! (Deixe comigo)

Waiter: Would you like anything else, Sir?
Richard: No, thanks. Could I have the bill?
Waiter: Sure, Sir. Will you pay cash or credit card?
Richard: Credit card. Here is my ID.
Waiter: One moment, Sir.
(Some time later – Algum tempo depois.)
Waiter: Here is your credit card and ID, Sir.
Richard: Thank you very much.
Waiter: You are always welcome, Sir.

Richard: This is the restaurant I told you about Amy.
Amy: Hum. It looks good. So, once we are here...
Richard: Let's go in!
Maitre: Good evening, Sirs. Welcome to Le Caron. How can I help you?
Richard: Good evening. I would like a table for two at the non-smoking area, please.
Maitre: Of course, Sir. Please, come this way.

Figuras 14, 15 e 16 - Diálogos retirados da apostila de Língua Inglesa.

A temática escolhida para essa aula é trabalhada englobando alguns aspectos que se dividem em vocabulário, pontos gramaticais e apresentação do gênero textual cardápio. A forma como o assunto é dividido é similar às outras aulas, incluindo o uso de tabelas para

inserir o vocabulário (recipientes, talheres), uso de fotografias para identificação de utensílios, bem como os tipos de alimentos e alguns profissionais que atuam neste ramo (*maitre*, por exemplo) e notas (ou lembretes) que fazem algumas ressalvas sobre uso de recipientes e expressões mais apropriadas para a situação. Os diálogos têm o assunto discutido neste tópico da aula e a avaliação verifica o conhecimento do aluno através de atividades que apresentam fotografias de alimentos e bebidas e solicitam o preenchimento das lacunas com as palavras correspondentes.

O primeiro diálogo (*“Come this Way”*) e o segundo (*“It is on me”*) acontecem em um restaurante, sendo protagonizados por um cliente e um garçom. Não houve introdução do assunto ou comando com finalidade pedagógica para que o estudante leia, preste atenção ou pratique com algum colega.

Embora a interação em um restaurante seja comumente pautada na oralidade, o recurso utilizado no material didático enfoque na habilidade escrita para a resolução dos exercícios que trabalham exemplos de produção oral no contexto proposto. Como resultado, o profissional do turismo em questão não conseguiria se comunicar com um estrangeiro oralmente, haja vista que não são apresentados conteúdos suficientes para isso.

5.5 Aula 6

A última aula da apostila trabalha o tema - *Going Places / Shopping* em nove páginas. Os objetivos desta aula são: Conhecer os principais nomes de lugares de uma cidade; compreender o uso das diferentes expressões relacionadas a direções, compras e meios de transporte. 5.1 *Going places* (Indo a lugares), 5.1.1 Informando direções (*Where is the post office? It is on the corner of*) –, 5.2 *Going Shopping* (Fazendo compras) e Avaliação.

Os conteúdos envolvidos são relacionados ao deslocamento das pessoas, direções dadas para se chegar a algum lugar e a realização de compras. Se observarmos as circunstâncias situacionais desses atos, verificamos que serão realizadas majoritariamente através da fala. Tais situações enunciativas demonstradas no MD poderiam ter sido mais trabalhadas concomitantemente entre a escrita e a fala, assim como afirma Leffa (2007, p. 28).

Assim, é importante apresentar a forma escrita, evidenciando a estruturação da língua, mas, além disso, os alunos a praticarem a pronúncia, a assistir os vídeos de apoio, e explorar outras possibilidades de aperfeiçoar a oralidade em L2.

EXAMPLE 1:

A: *Can you recommend a good department store?*
B: Well, Century 21 is a good one.
A: *Is it open all day?*
B: *No. It's open from 7:45 a.m. till 8 p.m.*

EXAMPLE 2:

A: *Is there a good shoe store near here?*
B: *Yes. There is Niketown New York two blocks ahead.*
A: *What time is it open?*
B: *It's open from 9 a.m. till 9 p.m.*

C1: Clerk (vendedor)

C2: Customer (Cliente)

C1: Good afternoon, Ms. How may I help you?

C2: I'm looking for a gift to a friend of mine.

C1: How about that blouse?

C2: That's nice. Do you have it in red?

C1: Sure.

C2: Can I try it on?

C1: Yes, of course. The changing rooms are over there.

C2: It's great. I will take this one.

Figuras 11 e 12 - Diálogos retirados da apostila de Língua Inglesa da Rede E-tec.

O diálogo 1 é composto por dois exemplos que elucidam a conversa entre duas pessoas acerca do tema compras, em que um falante busca sugestão de lugares para realizar as compras e como chegar até eles. São trabalhadas expressões para indicar horas, direção e localização. O diálogo 2 acontece entre o C1 Clerk (vendedor) e o Customer (cliente) provavelmente em uma loja onde ocorre o ato da venda e da compra. Como no exemplo anterior, esse gênero textual simplesmente é mostrado no MD e não existe orientação alguma para prática da oralidade, de modo que não se aproveitar o diálogo, cuja temática é tão presente no cotidiano das pessoas, para conduzir os alunos à prática da fala em inglês.

Essa apostila possui várias figuras, como partes de um hotel, tipos de alimentos e bebidas, utensílios de cozinha, entre outras que auxiliam o reconhecimento e a aquisição desse vocabulário específico pelos aprendizes. No entanto, não há áudio de apoio para motivar a aprendizagem da pronúncia de tais palavras, o que podemos considerar uma inconsistência, porque mais uma vez, temos que enfatizar a realidade de um empregado no ramo turístico, em um restaurante, por exemplo, demanda outros conhecimentos. A esse respeito, há que se considerar o seguinte questionamento: Como poderá atender a um cliente estrangeiro, sem saber pronunciar as palavras que lê? Cabe ao professor esse discernimento sobre o uso de materiais didáticos que possuem bons recursos, mas que deixam de contemplar, principalmente, a abordagem comunicativa na oralidade, por meio de gêneros da oralidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo analisar o material didático Língua Inglesa (curso técnico de Hospedagem) utilizado na disciplina Língua Inglesa aplicada ao Turismo em relação à habilidade de produção oral.

Os resultados sugerem a presença do gênero textual oral, diálogo. Entretanto, a habilidade da escrita ainda é a que se faz predominante. Seria necessário contemplar outros gêneros de produção oral, necessários aos falantes de L2, bem como aos profissionais do turismo. Além disso, o tópico relacionado ao uso dos gêneros textuais orais foi estruturado de forma inautêntica, embora alguns diálogos tentem representar de maneira mais fidedigna a enunciação na realidade. Poucos gêneros textuais com foco na oralidade foram utilizados, o que deixa de contemplar mais profundamente essa habilidade que se faz muito importante em qualquer relação social, principalmente quando nos referimos aos profissionais que prestam serviços e necessitam de comunicação clara e compreensível.

Assim, como afirma Marcuschi (2008), os gêneros devem ser trabalhados em contextos que permitam reproduzir a situação concreta do gênero textual, ou seja, o gênero diálogo poderia ter sido trabalhado com mais autenticidade extraída do cotidiano, além de maior estímulo à criação de demais gêneros textuais orais que pudessem auxiliar na prática do novo idioma. Por mais que o ensino de inglês tenha se modificado ao longo dos anos em relação às diretrizes metodológicas, percebeu-se aqui que a atenção ainda está voltada para a gramática e o vocabulário. Embora sejam aspectos muito importantes no processo de aquisição de uma LE, seria interessante investir em uma abordagem mais comunicativa que contemple o desenvolvimento (do letramento) das habilidades e competências necessárias para que o estudante consiga desenvolver-se linguisticamente.

Como sugestão para estudos futuros, sugiro a criação de módulos que incluam *chats* e outros aplicativos que levem os estudantes a uma maior exposição ao idioma. Contudo, o material didático foi analisado somente em sua composição, e não durante a prática pedagógica. Dessa forma, é possível que o professor responsável pela disciplina tenha acrescentado outros recursos durante o desenvolvimento das aulas, para enriquecimento do material e das habilidades comunicativas dos estudantes. O papel docente no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem vai além do uso do material didático adotado para o curso, pois é necessário mais do que uma sucessão de módulos para despertar no estudante o interesse por uma ~~da~~ aprendizagem contínua para buscar melhorias na vida profissional. É crucial um planejamento de aulas eficiente, que leve em consideração os objetivos pedagógicos, e que tenha metodologia mais apropriada para aquele grupo. Além disso, é preciso selecionar material extra para complementar os assuntos discutidos e encorajar os alunos a participar das atividades propostas e complementares, como forma de desenvolver a aprendizagem

Em conclusão, reitero que é necessário um constante processo de avaliação dos materiais didáticos usados, visando escolhas adequadas ao contexto e às necessidades dos alunos, bem como uma constante atualização profissional docente. Além disso, seria importante a atualização dos textos utilizados no material como a inserção de outros gêneros além do diálogo, outros tipos de atividades propostas, a fim de garantir que a habilidade oral seja mais trabalhada nas aulas. Apresentar essas propostas, por meio dos dados analisados, é a minha contribuição para a disciplina e o curso Técnico em Guia de Turismo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, F.B. **A influência da criação do Parque Nacional do Caparaó (1961-2014) sobre a mudança da paisagem em Alto Caparaó (MG):** sob a perspectiva do turismo. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da UFV. 2016, Viçosa. 294p.

AMARANTE, F.B. **Análise do Material Didático da língua inglesa do curso técnico em Guia de Turismo (EaD) em um campus do Instituto Federal do Sudeste-MG.** Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós- Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - Rio Pomba, 2020, 39p.

BARBOSA, F. F. Turismo e Desenvolvimento Local. **Caminhos da Geografia Online.** Disponível em: <http://teste.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2011/04/turismo-e-desenv-local-eregional.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019. p. 108.

BATISTA, A. A.G. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. 529-575. In: ABREU, Márcia. **Leitura, história e história da leitura.** Campinas, Mercado das Letras. 1999.

BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Livros escolares de leitura no Brasil:** elementos para uma história. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

BORGES, F.G.B. Os gêneros textuais em cena: uma análise crítica de duas concepções de gêneros textuais e sua aceitabilidade na educação no Brasil. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 119-140, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v12n1/a07v12n1.pdf>. Acesso em: 14 ago.2021.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC)** (Presidência da República). Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011. Disponível em: www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12513.htm. Acesso em: 10 ago 2021.

BRASIL. **Decreto n.º 9.057, de 25 de maio de 2017.** Regulamenta o art. 80 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 2017a. Disponível em: Acesso em 06 out. 2018.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Anuário Estatístico de Turismo 2020** - Volume 47 - Ano Base 2019 - 1ª Edição - Abril/2019. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>. Acesso em: 04 jul 2021.

CAMBRIDGE, Assessment English. Guided learning hours. Disponível em: <https://support.cambridgeenglish.org/hc/en-gb/articles/202838506-Guided-learning-hours>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CARLOS, V.G; BORDINI, M. Ensino de língua estrangeira por meio de gêneros textuais: Qual é a percepção dos professores em formação? **R E V I S T A**, volume 1, 2012. Disponível em: revistas.ufpr.br/revistax/article/view Acesso em: 01 jul 2021.

COELHO NUNES et al. **Material Didático**: construindo referências na Rede e-Tec Brasil. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2015. Disponível em: www.etec.ufsc.br/file.phpassets6gpmnd Acesso em: 28 jun. 2021.

GOMES, T. E; MARRUCHE, V.S. **Curso Técnico em Hospedagem**: Inglês técnico. - Manaus: UFAM/CETAM, 2009. 65 p.: il.

MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez. 2001.133p.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINAS GERAIS, Decreto Nº 47.687, DE 26 de julho de 2019. **Diretrizes e normas para política de regionalização do turismo em Minas Gerais**. Disponível em: www.turismo.mg.gov.br/. Acesso em: 10 jul 2021.

MOTA, K.C.N; SILVA, A.L. Competências para o mercado de trabalho em turismo e hotelaria: perfil dos profissionais requerido em Fortaleza. **Conex. Ci. e Tecnol.** Fortaleza/CE, v. 7, n. 1, p. 9-30, mar. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/faama/Downloads/541-1386-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 set.2021.

MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. **D.E.L.T.A.**, 24:2, 2008 (341-383). Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244502008000200007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 jun. 2021.

ONU. Pandemia transforma 2020 no pior ano para o setor de turismo internacional ONU NEWS: Perspectiva Global de Reportagens Humanas. Disponível em: < <https://news.un.org/pt/story/2020/12/1736672>>. Acesso em: 09.out.2021.

REPOLÊS, M. C. P. **Reflexões sobre avaliação e seleção de materiais didáticos convencionais e integrativos das TDIC para ensino de Língua Inglesa no PROEJA**. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Pós-graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG. Belo Horizonte, 2011.

ROJO, R. **Pedagogia dos multiletramentos**: diversidade cultural e de linguagens na escola. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTOS JORGE, M. L. dos; TENUTA, A. M. O lugar de aprender língua estrangeira é a escola: o papel do livro didático. In: LIMA, D.C. de (org). **Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LAMBERTS, D.V.H; SARMENTO, S. O papel do livro didático no ensino de inglês: aspectos sobre sua importância, escolha e utilização. **Revista (Con) Textos Linguísticos**. V 10, n.17. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/14805>>. Acesso em: 10 ago.2021.

SCÓTOLO, D; PANOSSO NETTO, A. Contribuições do turismo para o desenvolvimento local. **CULTUR**, ano9-nº01–Fev/2015. Disponível em: www.uesc.br/revistas/culturaeturismo. Acesso em: 20 jul 2021.

SOUZA, Sheilla Andrade de. **Ressignificando o ensino de inglês instrumental em contexto profissional de nível médio**: uma proposta baseada em sequência didática. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília. Disponível em: [repositorio.unb.br > 2013_SheillaAndradedeSouza](http://repositorio.unb.br/2013_SheillaAndradedeSouza). Acesso em: 10 jul 2021.

TAVAGLIA, L.C et al. Gêneros orais – Conceituação e caracterização. In Anais do SILEL, vol. 3, nº 1. XIV Simpósio Nacional de Letras e Linguística e IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 1 a 8 ISSN: 2237-6607. Disponível em <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2013/1528.pdf> . Acesso em: 08 out 2021.

TRIM, J L M. **Using the CEFR: Principles of Good Practice**, Strasbourg: Council of Europe, 2011. Available online: <https://www.cambridgeenglish.org/images/126011-using-cefr-principles-of-good-practice.pdf>>

WINCH, P.G. Gêneros textuais como inovação no ensino de língua inglesa. 2016. **ALB**. Disponível em: [alb.com.br > edicoes_anteriores > anais16](http://alb.com.br/edicoes_anteriores/anais16). Acesso em: 04 ago 2021.

WORLD TOURISM ORGANIZATION. **Tourism – an economic and social phenomenon**. Disponível em: <http://www2.unwto.org/content/why-tourism> Acesso em: 21 jul. 2021. Tradução nossa.